Educação, Ensino e Interdisciplinaridade em Foco

GESTOS DE LEITURAS DOS *ETHÉ DISCURSIVOS* UTÓPICOS E DISTÓPICOS DAS CAPAS DE *O PAÍS DAS MULHERES*, DE GIOCONDA BELLI

Gestures of Readings of the Utopian and Dystopian Discursive Ethé on the covers of "The Country of Women", by Gioconda Belli.

Samuel Barbosa Silva[1]
Instituto Federal do Ceará campus Tauá (IFCE), Brasil.
Giovanna de Araújo Leite[2]
Autarquia de Ensino Superior de Garanhuns (AESGA), Pernambuco, Brasil.

Resumo

Ao considerar a obra *O país das mulheres*, de Gioconda Belli, propõe-se neste estudo analisar os *ethé* discursivos configurados nas capas desta obra, avaliando os aspectos da utopia e da distopia e como estes produzem significação, pela via do discurso, os quais corroboram com a Teoria Crítica Feminista e os Estudos Culturais na América Latina. A metodologia utilizada para a produção teórica e analítica é de cunho bibliográfica. Foram utilizados autoras e autores da Crítica Literária Feminista, assim como a Análise do Discurso desenvolvida por Dominique Maingueneau. Para a análise, foram coletadas capas do livro *O país das mulheres* no site de domínio público *Google Imagens* -, para fins de análise e discussão sobre como se dá a desconstrução da estrutura do patriarcado nestas capas. A partir desta abordagem, as análises permitem desvelar um *ethos* discursivo de revolução feminista e de desconstrução do poder patriarcal, pois os papéis sociais dos homens e mulheres são ressignificados e descolonializados. Considerou-se assim, que em sua totalidade, as capas de *O país das mulheres* produzem um *ethos* revolucionário e utópico pela equidade universal reivindicada pela Crítica Literária Feminista.

Palavras-Chave: *Ethos.* Crítica Literária Feminista. Utopia. Distopia.

Abstract

When considering the work The Country of Women, by Gioconda Belli, this study proposes to analyze the discursive ethé configured on the covers of this work, considering the aspects of utopia and dystopia and how they produce meaning, through discourse, which corroborate Feminist Critical Theory and Cultural Studies in Latin America. The methodology used for theoretical and analytical production is bibliographic in nature. Authors from Feminist Literary Criticism were used, as well as Discourse Analysis developed by Dominique Maingueneau. For the analysis, covers of the book O País das Mulheres were collected on the public domain website - Google Images - for analysis and discussion purposes on how the structure of patriarchy is deconstructed on these covers. From this approach, the analyzes allow us to reveal a discursive ethos of feminist revolution and deconstruction of patriarchal power, as the social roles of men and women are given new meanings and decolonialized. It was therefore considered that in their entirety, the covers of O País das Mulheres produce a revolutionary and utopian ethos for the universal equity claimed by Feminist Literary Criticism.

[1] Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas e Docente dos cursos de graduação e pós-graduação do IFCE campus Tauá. E-mail: samuelbarbosa@ifce.edu.br
[2] Doutora em Literatura pela Universidade Estadual da Paraíba e Docente dos cursos de graduação da AESGA. E-mail: giovannaaraujo@aesga.edu.br

Keywords: *Ethos.* Feminist Literary Criticism. Utopia. Dystopia.

1 Introdução

Este artigo traz possibilidades de leituras dos *ethé* discursivos de capas do livro *O país das mulheres* de Gioconda Belli[3] que circulam na internet no domínio público *Google*. O objetivo é analisar quais os *ethé* apresentados nestas capas, considerando os aspectos da utopia e distopia na obra em estudo e da Crítica Literária Feminista e dos Estudos Culturais, assim como a finalidade de se pensar as discussões de gênero e sexualidades por meio do gênero discursivo capa de livro. A problemática apresentada é: quais os *ethé* configurados nas capas desta obra e suas relações com a teoria crítica feminista contemporânea na América Latina?

A metodologia utilizada para a produção teórica e analítica é de cunho bibliográfica. Foram utilizados autoras e autores da crítica literária feminista e da análise do discurso francesa desenvolvida por Dominique Maingueneau (1996;2002;2008). Para a análise, foram coletadas capas do livro *O país das mulheres* no site de domínio público - *Google Imagens* -, para fins de análise e discussão sobre como se dá a desconstrução da estrutura do patriarcado nestas capas.

A partir desta abordagem, as análises permitem desvelar um *ethos* discursivo de revolução feminista e de desconstrução do poder patriarcal, pois os papéis sociais dos homens e mulheres são ressignificados e descolonializados. Ao mesmo tempo, esse *ethos* revolucionário e utópico pela equidade universal, encontrado nas capas de *O país das mulheres,* remete a uma equidade pensada pela ótica da transformação societária em busca por uma desconstrução e desnaturalização dos discursos binaristas masculinos e femininos tão presentes no sistema patriarcal.

2 Discurso e Ethos Discursivo

Cotidianamente o ser humano faz o uso do exercício da linguagem, sobretudo, para construir a comunicação entre os membros de uma comunidade. Todavia, neste processo comunicativo, a linguagem está associada as muitas formas de significação em determinadas condições de produção. Neste sentido, entende-se que a linguagem, enquanto um complexo social, emerge a partir das necessidades subjetivas para

[3] Gioconda Belli nasceu em Manágua, Nicarágua, América Central, em 09 de dezembro de 1948. É poeta e romancista nicaraguense que busca nos seus textos poéticos e nas suas narrativas, construir cenários com a voz da mulher revolucionária que se preocupa com questões sociais e políticas. Já escreveu em torno de 20 livros, distribuídos entre poesias, romances e novelas. (BELLI, 2011, p.01).

atender as demandas postas na sociedade.

É neste movimento entre a linguagem, o meio social e o sujeito que nasce o discurso, isto é, a linguagem e o discurso estão entrelaçados porque "corroboram na construção de novas palavras, símbolos, formas de significar na sociedade, possibilitando efeitos de sentido que irão agir para estabilização ou transformação desta mesma comunidade social". (BARBOSA SILVA, 2019, p. 16).

Considera-se, desta forma, o discurso como um objeto teórico fundamental para se pensar os processos de subjetivação e subjetividade(s) inscritos na práxis social, uma vez que tratar de discurso constitui-se uma ação dos sujeitos. Na atualidade, sabe-se que linguistas, críticos literários e analistas de discurso, de diversas correntes teóricas, compreendem o conceito de discurso de maneira heterogênea, entretanto, em certa medida, existe um entendimento que discute a linguagem, língua, texto, enunciado /enunciação entre outros, além da ação de sujeitos para o funcionamento do discurso.

O discurso é compreendido por Maingueneau (1996) como linguagem em interação associada às condições de produção. Sendo assim, "o discurso é interativo, pois é uma atividade que se desenvolve, no mínimo, entre dois parceiros (marcados linguisticamente pelo binômio Eu-Você). É uma forma de atuar, de agir sobre o outro.". (SOARES, SELLA & COSTA-HUBES, 2013, p. 272).

> O discurso é uma organização situada além da frase, o discurso é orientado, o discurso é uma forma de ação, o discurso é interativo, o discurso é contextualizado, o discurso é assumido por um sujeito, o discurso é regido por normas, o discurso é considerado no bojo de um interdiscurso. (MAINGUENEAU, 2002, p. 52-55).

A posição teórica defendida neste trabalho orienta-se na relação do sujeito na produção do discurso, isto é, o discurso enquanto processo de interação entre sujeitos, pois permite relacioná-lo à produção de efeitos de sentidos que estão presentes na produção textual, seja na modalidade oral, escrita, gestual-visual- espacial, entre outros. É neste envolvimento da relação textual- discursiva de cunho interacional que ocorre a construção do *ethos*, ou seja, significa dizer que este "se constitui discursivamente, é uma construção do enunciador no momento da enunciação. Nessa ocasião, o sujeito-enunciador, ao produzir linguagem, mostra uma imagem de si." (SILVA, 2014, pp. 90-91).

Tratar de discurso implica construir uma imagem de si que é realizada através

da ação entre os sujeitos na produção do dizer e, consequentemente, reverbera nos efeitos de sentido da formação de um *ethos discursivo* na relação do locutor com seus interlocutores. Neste sentido, a perspectiva teórica de *ethos discursivo* assumida neste trabalho é que a imagem de si é condicionada pelas práticas sociais, históricas, culturais, textuais, discursivas e argumentativas[4].

> O *ethos* é, portanto, a instância do discurso revelada por uma composição que deixa à mostra uma maneira subjetivada de lidar com a realidade; esta maneira é aquela que instaura uma resistência ao comum, ao habitual, já que seu aspecto não universal lhe concede um estatuto particular. (CHALUB, 2015, p. 163).

A partir do dizer (fio do discurso) abre-se a possibilidade de ir além da superfície puramente linguística que está inscrita em um não dizer, ambas corroborando na produção do funcionamento discursivo, ou seja, é um movimento do discurso - inscrito nas variadas discursivizações emitidas pelos sujeitos na interação - que também está associado às crenças, aos valores, costumes, entre outros aspectos que corroboram na construção da imagem do locutor.

Nesse contexto, o *ethos* é válido para qualquer discurso, pois remete à imagem de um enunciador que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado como se fosse um "fiador" do discurso. É por meio do próprio enunciado do fiador que este deve legitimar sua maneira de dizer (grifos nossos). O reconhecimento dessa função do *ethos* permite que nos afastemos de uma concepção do discurso segundo a qual os 'contextos' dos enunciados seriam independentes da cena da enunciação que os sustenta.

Como no discurso escrito não existe oralidade, é possível identificar o seu *Ethos* analisando a integração do corpo e da voz ao discurso escrito. No discurso escrito há uma imposição de um 'tom' de seus autores que define a entonação que acompanha seus lugares de enunciação. Nas palavras de Maingueneau (1993, p. 47-48).

> Trata-se, de acordo com o estatuto dos autores e dos destinatários, de um 'tom' moderado, alegre, triste, enfim, que pode estar associado a um caráter e a uma corporalidade. O caráter corresponde ao conjunto de traços psicológicos que o leitor atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função de seu modo de dizer. A corporalidade remete a uma representação do

[4] Concordando com Fiorin (2018) compreende-se que todo discurso é argumentativo, entretanto, há situações argumentativas intencionais (discurso jurídico) e dimensionais (conversa do cotidiano).

> corpo do enunciador presente nos discursos com caracteres e corporalidades específicas. Além disso, se os elementos do ethos forem integrados à discursividade. Esta última aparece sob uma luz diferente: o discurso é indissociável da forma pela qual "toma corpo", ou seja, se incorpora sobre o discurso.

Destaca-se neste estudo que o *ethos* discursivo ultrapassa o conceito Aristotélico, que tinha por objetivo "a construção da imagem de si no intuito de garantir o sucesso do empreendimento oratório" (AMOSSY, 2005 *apud* SILVA, 2017, p. 177). O conceito de *ethos* discursivo no qual opta-se na presente pesquisa ultrapassa a esfera da adesão dos sujeitos, pois destaca-se no funcionamento do discurso, a posição assumida entre os interlocutores tanto da imagem de si quanto do outro.

O *ethos* se constrói na ação do locutor, independentemente do estilo empregado no discurso. Este processo só é possível porque há uma interação entre os sujeitos que tem a ver com outros gestos empreendidos por meio do enunciador e interfere na construção de um EU em relação a um Outro. Assim, o lugar social em que o enunciador produz o seu discurso tem uma significação que reflete na produção do *ethos*, em outras palavras, "o ethos não é dito explicitamente, mas se desdobra no registro mostrado.". (SILVA, 2017, p. 177).

Além disso, há os mecanismos de antecipação do dizer, determinado pelas condições de produção, que permitem ao enunciador também organizar seu discurso em direção a determinado público e, assim, tem a oportunidade de criar uma imagem de si por meio dos valores, crenças, ideologias, etc. dos sujeitos que estarão no jogo de interação. Há uma tentativa de controle de sentidos na produção do discurso com vistas a atingir determinado e*thos.*

> A construção discursiva do ethos se faz ao sabor de um verdadeiro jogo especular. O orador constrói sua própria imagem em função da imagem que ele faz de seu auditório, isto é, das representações do orador confiável e competente que ele crê serem as do público. (AMOSSY, 2005, p. 124).

Silva (2017, p. 178) também alerta que o processo de construção de um *ethos no e pelo discurso* implica considerar dois aspectos: o interacional e o institucional (grifos nossos). O primeiro refere-se ao processo dos interlocutores envolvidos na produção do dizer, enquanto o segundo compreende as posições institucionais (mídia, religião, política, etc.) ocupadas pelos sujeitos em sociedade, dessa forma, seu discurso também estará atravessado por diversas posições uma vez que "sua

autoridade não resulta da imagem de si criada em seu discurso, mas do lugar de onde ele enuncia.".

Acerca da relação do discurso, as subjetivações e o *ethos,* concorda-se com Chalub (2015, p.164) quando a autora destaca que "o *ethos* só pode ser revelado pela *composição do discurso*.". Dessa forma, tratar de *ethos discursivo* é destacar que os processos de subjetivação apresentados no enunciado é apenas a parte mostrada de um desdobramento maior advindo dos atos de enunciação. Nesse caso, as subjetivações são produtos da *composição do discurso*.

A seguir, será abordado especificamente o discurso literário a partir da abordagem de Maingueneau (2008) que compreende o funcionamento do *ethos discursivo* em determinadas cenas enunciativas. A não adesão do leitor ao se deparar com a obra *O país das mulheres, de Gioconda Belli,* integra-se neste movimento discursivo de interação e posição, na construção da imagem de si por meio do ato de enunciação.

2 O Discurso Literário Utópico E Distópico Em *O País Das Mulheres,* De Gioconda Belli

Com os estudos estruturalistas dos anos de 1960-1970 desenvolvidos principalmente na França, houve uma ressignificação do campo literário em contraposição a uma crítica literária pautada na história literária e na estilística. Buscaram-se perspectivas ancoradas nas teorias da enunciação linguística, nas múltiplas correntes da pragmática e na análise dos discursos em suas abordagens teórico, críticas e metodológicas. Mulheres escritoras e feministas "arregaçaram as mangas" e mostraram ao mundo que era preciso (re)visar, escrever e publicar.

> nas margens do espaço patriarcal, algumas pesquisadoras, professoras e pós-graduandas feministas, seguidas por escritoras e editoras também feministas, vêm há uma década forjando ocasiões subversivas, desafiando o sagrado cânone cavalheiresco, compartilhando a redescoberta de obras femininas encobertas pelo tempo, fazendo perguntas de mulher, revitalizando nos dois sentidos a história e a crítica literárias.(RICH IN BRANDÃO *et al* 2017, p. 64).

O texto literário foi cada vez mais sendo analisado como uma prática social e as abordagens contemporâneas têm mostrado isso com muita evidência, pois os limites entre os territórios disciplinares são fluidos, o questionamento dos lugares produtores de saber são recorrentes na contemporaneidade, assim como os conceitos operatórios

responsáveis pela produção de paradigmas e de metodologias críticas.

A perspectiva adotada nesta pesquisa associa Estudos da Crítica Literária Feministas os Estudos Culturais e a Análise de Discurso, pois entende-se que a Literatura é uma prática social que vai além dos aspectos formais, estéticos, clássicos considerando-se também a análise das narrativas literárias, enquanto discurso, sob o viés da Análise do Discurso. Estuda-se a literatura contemporânea em sua produção discursiva, pois se acolhem as mais diversas configurações, admitindo uma irredutível dispersão de discursos literários (MAINGUENEAU, 2006, p. 06). Assim, compreender o discurso é ativar ideias-força presentes no texto, neste caso, na criação literária contemporânea da escritora nicaraguense Gioconda Belli, no sentido de analisar os discursos literários dentro de conjunturas transfrásticas e interativas que se amparam no âmbito relacional entre outros discursos, pois não se podem separar a instituição literária e a enunciação que configura um mundo, visto que o discurso não se encerra na interioridade de uma intenção.

A relação entre utopia e distopia da obra literária *O país das mulheres* acontece em um movimento simultâneo, em que se apresenta a busca por uma equidade entre homens e mulheres, e ao mesmo tempo, extingue-se os homens da sociedade, a fim de que eles e as mulheres possam (re)pensar ou (re)visar as suas práticas sociais e culturais e se conscientizarem da opressão do patriarcado para ambos os gêneros.

Pela cultura ocidental e patriarcal, o termo distopia passou a ser estudado a partir da obra “Utopia”, de Thomas More, em 1516, na qual More criou um conceito de uma sociedade ideal, igualitária e justa.

Mas uma obra literária escrita pela autora francesa Christine de Pizan em 1405, muito antes de Thomas More, se destaca como um marco na história da literatura de autoria feminina na cena cultural da Europa Ocidental: *Le livre de la Cité des Dammes* (Cidade das Damas). Bammer (2015) afirma que este é um livro inspirador sobre a utopia nas questões de gênero, pois se apresenta uma cidade modelo projetada por arquitetos italianos como uma cidade feliz e perfeita mas com a diferença de que esta cidade é formada apenas por mulheres. Trata-se de uma utopia de um reino de mulheres míticas e históricas, um mundo de mulheres de todas as idades e todas as classes e culturas presididas pela Rainha do Céu. Dentro do campo das letras que Christine constrói observa-se:

> Um novo Reino da Feminilidade em que cada senhora honrada do passado, bem como do presente podem reivindicar uma residência perpétua enquanto o mundo perdurar. Em suma, *Cidade das Damas*

> é o próprio modelo de uma utopia: um lugar imaginário onde um governo ideal preside um povo feliz. É um mundo em si mesmo, isolado do mundo exterior ao qual se posiciona em oposição. É habilitado e sustentado por um ato de separação: o velho mundo (dos homens e sua cultura) e um novo mundo (da cultura feminina) [...] em vez de novas instituições ou novas formas de governo, apresenta novas formas de pensar sobre as mulheres e a história: o que elas têm sido e poderiam ser. Esta é uma utopia, então, no sentido mais literal da palavra: fisicamente um não-lugar; ela existe apenas na forma de um estado de espírito diferente (BAMMER, 2015, p. 15-17, *kindle).*

Esse conceito clássico de utopia como um mundo imaginário formado apenas pela feminilidade é o pontapé inicial para que se lance luzes também para a construção das distopias, pois se na tradição utópica, os lugares de prazer e justiça são os esperados pelas culturas de base judaico-cristã, são nas sociedades atuais que as distopias encontram respaldo, pois a salvação do mundo é desacreditada; a noção de Deus já caiu por terra; as guerras não trouxeram benefícios para os sujeitos; o capitalismo solapou todas as formas de justiça e igualdade; logo, restam, para os leitores de hoje, numa perspectiva mais crítica, as distopias, textos que orientam visões mais duras do que as do mundo real como crítica à própria realidade. Abordar utopia significa

> De modo que, sem ela, assim como sem a esperança, o sonho e o desejo, o ser humano não é capaz de viver ou sobreviver em um mundo como o nosso. Neste caso, a construção de mundos imaginários, livres das dificuldades encontradas na vida real, é recorrente de uma forma ou de outra, em grande parte das culturas. (SILVA, T. 2008. p. 29).

A utopia, então, configura-se na formulação de realidades que servem como modelo ou exemplo para uma presente situação social. Seus vislumbres de uma forma idealística distante, na qual poderão ser evocados valores de paz, igualdade e justiça.

Se nas mais variadas formas de utopia, o apogeu dos espaços utópicos dá-se através de uma relativa satisfação e bem-estar dos seus envolvidos, nas distopias, o caráter melancólico e pessimista perpetua em seus espaços, uma contínua sensação de devir, locada na ansiedade e apreensão, demonstrada por suas personagens quanto ao enredo e seus objetivos diante da sociedade. Tal como apresenta Silva, A. (2008), nas distopias é perceptível a presença de algo que se pode entender como

locus terrificus[5] . O local ou espaço nas narrativas distópicas que concentra a negatividade e terror que justifica, através de um aspecto chocante, a ambientação distópica, como em Gioconda Belli no livro *O país das mulheres*, pois se trata da ausência completa dos homens nos lugares da sociedade e da cultura.

Ao se analisar uma obra literária, seja ela, de qual gênero discursivo for, deve-se entendê-la como artefato em que dispositivos de comunicação interagem ao mesmo tempo, seja o autor, o público e o suporte material do texto, pois o discurso literário não é isolado, e sim participa de uma produção verbal relacionada à categoria de discurso constituinte, isto é, discursos que se propõem como discursos de Origem, validados por uma cena de enunciação que autoriza a si mesma:

> São a um só tempo auto-constituintes e heteroconstituintes, duas faces que se pressupõem mutuamente: só um discurso que se constitui ao tematizar sua própria constituição pode desempenhar um papel constituinte com relação a outros discursos. (MAINGUENEAU, 2006, p.61).

Em si mesma, a literatura não tem pretensão fundadora, mas mesmo que uma obra literária construa as condições de sua própria legitimidade, ela propõe sentido e oferece categorias sensíveis para um mundo possível, absorvendo suas estruturas teóricas em um nível estrutural, ou então, reinscrevendo-as ficticiamente como seu próprio conteúdo. No dizer de Derrida (*APUD* PERRONE-MOYSÉS, 2016, p. 163) “a literatura é uma instituição que consiste em transgredir e transformar, portanto em produzir sua lei constitucional; ou melhor, em produzir formas discursivas”.

Desta forma, a crítica literária contemporânea tem agido em diversos aspectos, especialmente, para compreender, acolher e analisar os desacordos, as contradições e as zonas de conflito existentes nas produções literárias passadas e atuais, mostrando-se um campo de possibilidades e, ao mesmo tempo em permanente crise.

Nas palavras de Durão (2016, p. 98) “quem hoje começa estudar sistematicamente a literatura não tarda a se deparar com a existência das chamadas correntes críticas”[6]. É o caso da crítica literária feminista, pois esta trouxe em sua raiz a conscientização da opressão de gênero; e os Estudos Culturais apontam isso como de importância ímpar visto que foi através dessa condição de resistência à opressão de gênero que a crítica literária feminista se tornou plural e rompeu com todos os legados

[5] Do latim, *local terrível*¸ ou *lugar aterrorizante*.
[6] A moderna crítica literária começou com o formalismo russo, debruçou-se com o estruturalismo e pós-estruturalismo e mais recentemente, a partir da segunda metade do século XX para início do século XXI, com as vertentes teóricas que trazem preocupações políticas.

teóricos que não visualizaram as questões de gênero, classe, raça, etnia, entre outros.

A crítica literária feminista foi a responsável a reler e (re)visar toda a história da literatura como relacionada ao domínio do masculino. Questionou-se a ausência de escritoras no cânone literário; a criação de personagens femininas que serviam apenas aos estereótipos do bom comportamento e a supremacia dos valores masculinos como hegemônicos. Além disso, os estudos da negritude no universo do feminismo negro trazem vozes de mulheres negras silenciadas pelo cânone literário; a crítica *queer*, de militância *gay,* lésbica, transgênero localizam nos textos clássicos, impulsos sexuais latentes e nos textos contemporâneos, mais e mais escritores afirmam suas sexualidades de forma política e longe de amarras (DURÃO, 2016).

Zinani (2004) mostra que a desconstrução do discurso patriarcal na voz do discurso feminista expressa uma nova ordem social e simbólica projetando uma nova estética de caráter feminino na literatura e isso se converte em um dado político muito importante para a transformação da sociedade.

> [...] por meio da desconstrução do discurso patriarcal, a voz da figura feminina passa a ser ouvida, possibilitando-lhe revelar a sua experiência e expressar uma nova ordem social e simbólica, cujos parâmetros desvelam o universo da mulher, com a intenção de projetar uma estética com caráter feminino, na medida em que esse universo é representado na literatura, e que pode se converter em elemento político influente na transformação dos sistemas de poder existentes. (ZINANI, 2004, p. 4)

Daí a importância da crítica literária feminista, pois ela provoca rupturas em todos os sentidos, inclusive dentro dos Estudos Culturais e Estudos Literários, questionando-se o cânone literário, a história literária, a estilística e a hermenêutica literária produzida ao longo do tempo. Sabe-se que a origem dos Estudos Culturais se deu a partir da crítica ao marxismo ortodoxo, eliminando o reducionismo, procurando atentar para a tese de que na palavra cultura, existem questões fundamentais presentes em mudanças históricas na indústria, na democracia e nas classes sociais, pois a cultura está perpassada por todas as práticas sociais e os Estudos Literários cada vez mais engajados na prática social consideram a cultura como elemento constituinte da produção literária.

A literatura, sendo arte, também é uma forma especial de processo social e a arte é uma atividade e prática social. “A arte não é uma posição de privilégio dos mais altos valores da civilização, mas uma prática social” (WILLIAMS *APUD* HALL, 2009, p. 133). Na literatura brasileira contemporânea, compreendida entre os anos de 1980 aos

anos atuais, autores e críticos buscam legitimidade nas novas abordagens, numa abertura ao debate de outros modos de discurso. Pereira (2011, p. 19) afirma que "um olhar de relance aos escritores revela de imediato a diversidade em termos de faixa etária, ano de estreia, volume ou regularidade de suas publicações, importância ou reconhecimento acadêmico e crítico".

É o caso por exemplo da escritora nicaraguense Gioconda Belli que expressou em sua criação literária, aspectos da luta das mulheres nicaraguenses pela desconstrução de uma sociedade patriarcal, externando em sua escritura, a vingança, a dor da opressão masculina, a resistência contra a ditadura nicaraguense na contemporaneidade. Tais aspectos são expressos na escritura literária de *O país das mulheres* publicado originalmente na Nicarágua em 2010 e no Brasil, em 2011, sob tradução da crítica literária Ana Resende. Para este artigo, elegeu-se o *ethos* discursivo a partir das discussões de gênero considerando apenas capas de *O país das mulheres,* de Gioconda Belli.

3 A Emergência das Discussões de Gênero[7] No Ethos Discursivo Utópico e Distópico das Capas de O País das Mulheres

Tratar sobre o *ethos* de *O país das mulheres* é muito importante na contemporaneidade, em especial no contexto da Crítica Literária Feminista na América Latina, pois se traduz no desejo de que o discurso da equidade entre os gêneros realmente se faça presente em contraposição às atuais normas de gênero social funcionando, assim, como forma de enfrentamento aos efeitos de sentido construídos acerca de um gênero inteligível que se sobrepõe a outro, construído nas relações de poder e dominação masculina que tem por base a estrutura do patriarcado.

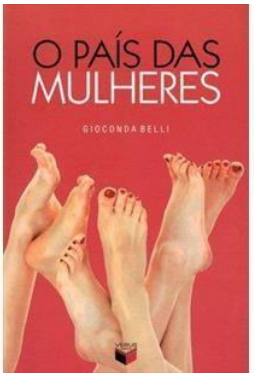
Na obra *O país das mulheres,* constrói-se um *ethos* distópico para o patriarcado no país imaginário Fáguas, pois o engajamento político, social, cultural e econômico das mulheres reverbera de modo a excluir das práticas públicas e sociais, a atuação dos homens. Tal exclusão dos homens na esfera central da narrativa é a única maneira de desconstrução de do Patriarcado, isto é, "uma formação social em que os homens detêm o poder [...] quase sinônimo de dominação masculina ou de opressão das mulheres (DELPHY *IN* HIRATA, 2009, p. 173). Gioconda Belli constrói em sua

[7] Ao se referir ao gênero social far-se-á a supressão da palavra 'social'. Ao se fazer menção da palavra gênero, considerando os estudos linguísticos, utilizar-se-á a expressão 'gênero discursivo'.

narrativa apenas mulheres governando o país de Fáguas como uma forma de crítica social e ironia externalizando isso em uma distopia para o patriarcado.

Na capa do livro da edição brasileira, publicada pela editora Verus, observa-se a ilustração de pés femininos representando a sensualidade e poder que as mulheres têm para colocar em xeque toda uma estrutura de opressão, no caso, o patriarcado. Apresentam-se vários pés femininos se entrecruzando e ao fundo, o vermelho, representando a política revolucionária de gênero, a irmandade feminina representada por pés femininos, o espírito revolucionário, de desconstrução do patriarcal e normativo.

FIGURA 01



Fonte: https://www.amazon.com.br/pa%C3%ADs-das-mulheres-Gioconda-Belli/dp/8576861224, acesso em 18/11/2019, às 18h53min.

Conforme a Figura 01 reinventa-se a linguagem de *O país das mulheres*, pois não se demonstra somente a desconstrução da estrutura falocêntrica mas também estabelece-se um discurso cujo *status* não está definido pela voz da falicidade do pensamento masculino, pois é a mulher que escreve no processo histórico, toma posição dentro de uma escritura processual e marcada pela resistência ao patriarcado e à ditadura de governos masculizantes, possibilitando a reflexão sobre a opressão da prática social do discurso patriarcal, demonstrando-se aspectos significativos da emancipação feminista através das experiências da mulher na sociedade e na política, assim como, descrevendo as práticas culturais que o sujeito 'mulher' pode ressignificar na construção de uma nova forma de organizar a sociedade, como discurso utópico da segunda onda feminista (1970) para as mulheres e discurso distópico para o feminismo contemporâneo da quarta onda (1990 aos anos 2000), que têm reivindicado por uma desconstrução da luta binarista.

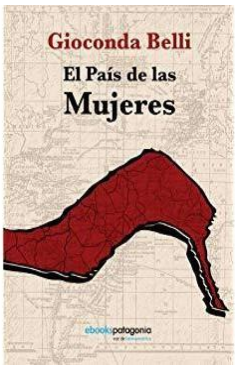
Viviana Sansón, a protagonista do livro, vence as eleições presidenciais após

100 anos de ditadura no país de Fáguas. Como uma presidenta popular que funda a utopia do “felicismo” ela constrói um governo próximo das pessoas, como exposto a seguir:

> Todos em contato, se tocando, se sentindo. **O círculo simbolizava a igualdade, a participação, o ventre materno, o feminino (grifo nosso)**. Reafirmava sua fé no valor de conhecer com o coração e não apenas com a razão. Foi essa mudança que ela imprimiu na política do país e que lhe permitiu se envolver no calor dos outros- o calor que a fazia suar debaixo do sol magnífico daquele dia, que começava a se apagar”. (BELLI, 2011, p. 12)

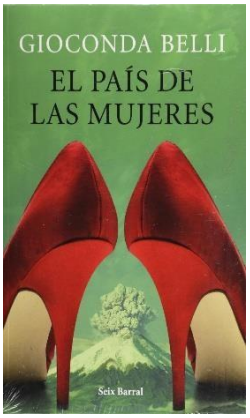
Em outras capas do mesmo livro, já nas edições nicaraguenses dos anos de (2010-2011), têm-se várias capas, como a que se seguem a seguir:

FIGURA 02



Fonte:https://www.amazon.com.br/El-pa%C3%ADs-las-mujeres-Spanish-ebook/dp/B00B1DW0RG, acesso em 18/11/2019, às 18h53 min.

FIGURA 03



Fonte: https://www.gandhi.com.mx/el-pais-de-las-mujeres, acesso em 18/11/2019, às 18h53min.

Na **FIGURA 02**, constrói-se um *ethos discursivo* da mulher ativa e, em certa medida, disposta para enfrentar e reconstruir a história das mulheres a partir das

novas narrativas sob o ideal utópico de um país emancipado pelo símbolo de uma única sandália de salto alto de cor vermelha, demonstrando o poder único do feminino, do seu empoderamento, da sua presença marcante.

Na **FIGURA 03** representada igualmente pelo salto alto vermelho, agora em par de equidade, representa o engajamento e a irmandade não mais do poder feminino único e solitário, mas na voz da equidade entre as próprias mulheres a fim de que elas possam se unir como ato revolucionário. Considera-se os efeitos de sentido das mulheres empoderadas, altivas, que pisam firme em direção a grande erupção vulcânica da união contra o patriarcado - movidas pelas relações de poder contra a opressão masculina, numa sociedade projetada para o fortalecimento das desigualdades de gênero.

> Nosso 'felicismo' funcionou. Somos mais ricos economicamente porque não adiamos a educação de nosso povo, e é nele e em sua vida cotidiana que decidimos investir nossos recursos. Somos mais ricos sobretudo porque eliminamos a mais antiga forma de exploração: a de nossas mulheres, e assim ninguém a aprende desde a infância. Há problemas, claro. Não somos uma sociedade perfeita. A verdade é que nos reconhecer como seres humanos significa saber que sempre haverá novas lutas e desafios, mas pelo menos avançamos. Um pé na frente do outro". (BELLIM 2011, p. 220).

FIGURA 04

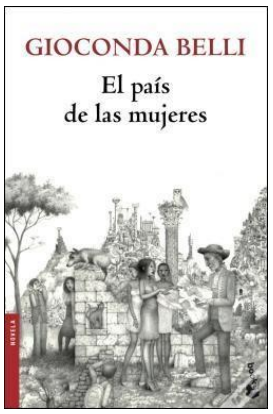


FIGURA 05



FIGURA 06



Fontes:https://www.amazon.com.br/El-pa%C3%ADs-las-mujeres-Spanish-ebook/dp/B00B1DW0RG, acesso em 18/11/2019, às 18h53 min.

Nestas outras três outras capas **(FIGURAS 04, 05, 06)** verifica-se na primeira, um *ethos discursivo* distópico de opressão vivenciado pelas mulheres e pelos homens, pois se observa um cenário de pobreza e de degradação em que os dois (homem e mulher) estão na condição de subalternidade perante a construção da sociedade. Trata-se de um reflexo da contradição social, condição fundamental para existência do sistema patriarcal e que Belli retrata isso na voz da personagem Viviana Sansón quando aborda sobre sua decisão de ter excluído os homens das esferas políticas, sociais, econômicas da sociedade a fim de fazer com que todes possam repensar sobre as suas práticas dentro do sistema patriarcal.

Nenhum homem considera mais depreciativo passar, lavar, cozinhar

> ou cuidar dos filhos. As novas famílias de Fáguas dividem as tarefas. Multiplicaram-se os restaurantes comunitários nos bairros e o número de mães vocacionais preparadas; há creches em cada centro de trabalho e até 'estações de descanso'[...] Filhos, mães e pais já não precisam se separar até que as crianças passem a frequentar a escola formal, aos doze anos. Enquanto isso, cada centro de trabalho valoriza a maternidade como uma contribuição para o futuro e o tempo que mães e pais dedicam aos filhos como a garantia de uma sociedade saudável. As quadrilhas desapareceram; o problema das drogas é pequeno; somos um país de flores, de alimento abundante, de pessoas que cuidam umas das outras, que respeitam a diversidade do amor e suas expressões. (BELLI, 2011, p. 220).

Como se percebe na **FIGURA 04**, a distopia das desigualdades sociais se sustentam na estrutura do patriarcado, pois pairam nas determinações de gênero na construção de efeitos de sentido de subserviência da mulher e do próprio homem à lógica sistemática da sociedade. Em um modo de produção/reprodução social determinado pela propriedade privada, as relações de gênero na estrutura do patriarcado se sustentam neste mesmo horizonte.

Já na **FIGURA 05**, observa-se um *ethos* utópico do ideal de feminilidade centrado na natureza ao associar a mulher à natureza, representada pelas folhas em torno do rosto e da cabeça da mulher, que simboliza a justiça social, a saúde ambiental, o ecocêntrico, o biocêntrico. A reinvenção política emancipadora das mulheres exige uma compreensão interseccional nas suas dimensões ecológicas e culturais. A narrativa da personagem Viviana Sansón, presidenta de Fáguas, traz essa força emancipatória de um feminismo que transforma:

> Misturamos identidades e papéis de acordo com nossa vontade. Paguei um preço. Não me atreveria a propor essa experiência como um requisito imprescindível para que a sociedade reconheça as mulheres e as mulheres sobretudo reconheçam a sim mesmas, mas o que sei é que, em meu país, isso significou uma mudança profunda que valeu a pena (BELLI, 2011, p. 220).

Por fim, na **FIGURA 06**, entendemos como um *ethos discursivo* **utópico** que busca o empoderamento e engajamento de todas as mulheres, em que as sandálias vermelhas de salto alto são misturadas, representando a união das mulheres para a revolução e a mudança social. Os corpos dóceis (FOUCAULT, 2015) das mulheres que foram reprimidas tanto pelo sexo (genitália) quanto pelo gênero (mulher) começam a construir metanarrativas de contrapoder que vão de encontro ao paradigma hegemônico sobre seus corpos, vivências e experiências em busca de um regime de liberdade constante (FOUCAULT, 2015) com vistas à superação do

patriarcado com a agregação política das mulheres e a necessidade de todas elas juntas se engajarem rumo a um ato revolucionário global, tendo como inspiração a luta revolucionária das mulheres latino-americanas, que se empoderaram, se uniram e lutaram pela revolução feminista de ruptura com toda forma de opressão e de patriarcado. A autora cita a passagem que retrata o espírito revolucionário quando "Viviana voltou à Presidência por aclamação popular." (BELLI, 2011, p. 217-218).

A partir deste olhar enunciativo entrelaçando Literatura, Análise de Discurso e Crítica Literária Feminista, espera-se que outros estudos sejam desencadeados no sentido de contribuir para que o sistema patriarcal possa ser cada vez mais desconstruído e que todas as manifestações de gênero, raça e classe possam ser analisadas e refletidas.

Considerações Finais

O estudo do ethos discursivo utópico e distópico na literatura no contexto da obra *O país das mulheres*, de Gioconda Belli, se caracteriza por ser de tom revolucionário, transformador, inquietante e multiplicador de novas forças para atuarem na sociedade com vistas para a mudança de atitude em todes, sejam mulheres, homens ou quaisquer expressões de gênero. Trata-se de *ethos* discursivo revolucionário feminista.

Observa-se que o *ethos* revolucionário se constrói na utopia pela equidade entre homens e mulheres, mesmo correndo o risco de se recair numa abstração universal e em um silenciamento a outras formas de manifestações de gêneros e raça, algo que se rejeita no pensamento descolonial, qualquer possibilidade de novos resumos universais que irão substituir os existentes (liberais e seus 'neos'), isto é, marxistas, cristãos, islâmicos, ou seja, qualquer abstração universal (MIGNOLO, 2008). Na capa da **FIGURA 01**, por exemplo, nos pés de mulheres brancas, silenciou- se a relação de outras manifestações raciais, por exemplo; assim como de gênero, exemplificadas, seja na mulher lésbica, no *gay*, na expressão transgênero e transsexual, enfim, nos *queers*. Entretanto, mesmo com esse silenciamento e nas capas e dentro na narrativa, percebe-se a possibilidade da desconstrução do patriarcado dentro de *O país das mulheres*, no sentido de verificar a crítica social a todos os costumes de opressão contra mulheres e homens e a busca de uma utopia pela equidade e educação para a liberdade, auto responsabilidade, afeto e cuidado mútuo.

Ao mesmo tempo, esse *ethos* revolucionário e utópico pela equidade universal,

encontrado nas capas de *O país das mulheres* remete a uma equidade pensada pela ótica da transformação societária em busca por uma desconstrução e desnaturalização dos discursos binaristas masculinos e femininos tão presentes no sistema patriarcal.

Observa-se um *ethos* discursivo de revolução feminista e de desconstrução do poder patriarcal, pois os papéis sociais dos homens e mulheres são ressignificados e descolonializados, isto é, o lugar do feminino historicamente marcado pela dor da opressão e da subalternidade é transformado, caracterizando-se por ser um *ethos* discursivo revolucionário ao se implantar um governo só de mulheres, representado pela equipe do Partido da Esquerda Erótica (PEE) na figura central de Viviana Sansón que luta contra toda forma de opressão entre homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

BARBOSA SILVA, Samuel. **A mulher no discurso da publicidade e os efeitos de sentido para promoção do Capital.** Curitiba: Editora Appris, 2019.

BAMMER, Angelika. **Partial Visions:** Feminism and Utopianism in the 1970´s. Florida, USA: Ralahine Classic, 2015.

CHALUB, Juliana Vieira. **Reflexões sobre o ethos do discurso**. Revista (Com) Textos Linguísticos, UFES, v.9, pp. 161 -175, 2015.

DURÃO, Fábio Akcelrud. **O que é crítica literária?** 1ª. ed. São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016.

HALL, Stuart. Estudos Culturais: dois paradigmas. In.: _____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. (org.) SOVIK, Liv. (trad.) RESENDE, Adelaine La Guardia *et al.* 1ª. ed. Belo Horizonte: editora UFMG, 2009, p.123-150.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário.** São Paulo: Contexto, 2006.
_____, Dominique. **A propósito do ethos**. In: MOTTA, Ana. Raquel; SALGADO, Luciana. (orgs.). Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.
_____. **Pragmática para o discurso literário.** Trad.: Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica:** a opção descolonial e o significado de identidade em política. (trad.) NORTE, Ângela Lopes. Revista Gragoatá, nº. 22, p. 11-41, 1º. sem.2007.

PEREIRA, Helena Bonito; LOPONDO, Lilian. Apresentação. In: PEREIRA, Helena Bonito (org.). **Novas leituras da ficção brasileira no século XXI.** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011. p. 17-30.

_____. Breves apontamentos para a história literária brasileira. In: _____. **Novas leituras da ficção brasileira no século XXI**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011. p. 31-47.

PERRONE-MOYSÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PIZAN, Christine de. **Le livre de la Cité des Dames.** Paris: Editions Stock, 1982.
SILVA, Morgana Soares da. **Ciberviolência, Ethos e Gêneros de Discurso em comunidades virtuais: o professor como alvo.** Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Letras), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

SILVA, Sandro Luis da. **Argumentação, Estilo e Ethos Discursivo no Discurso Literário: o poema *Cada Vez Mais*, de Rodrigo Bó em foco**. Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 13, pp. 174- 190, jan/jun.2017.

SILVA, Suênio Stevenson Tomaz da. **As Tensões entre os aspectos utópicos e distópicos em Surfacing de Margaret Atwood e As Parceiras de Lya Luft**. 2008. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade) Campina Grande: UEPB, 2008.

SOARES, Alexandre Ferrari; SELLA, Aparecida Feola; COSTA-HÜBES, Terezinha. **Maingueneau**. In.: Oliveira, Luciano Amaral de. (org.). Estudos do discurso: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editoral, 2013.

RICH, Adrienne. Quando da morte acordamos: a escrita como re-visão. IN: BRANDÃO, Izabel *et al.* **Traduções da Cultura:** Perspectivas críticas feministas (1970-2010). Florianópolis, SC: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017.

ZINANI, Cecil Jeanine. Nicarágua e Gioconda Belli: um diálogo possível. **Revista de Letras.** ISSN 0101-3505. vol. 44, nº. 2, 2004. Disponível em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2689808, acesso em 27/10/2019.